

sinalava a hora mais sagrada e mais formosa dos seus destinos.

Na assistência reduzidíssima, que se compunha de relações da maior intimidade, notava-se a presença de um homem ainda jóven, que representava uma figura saliente naquele quadro, caracterizado, essencialmente, de acôrdo com a época.

Seus olhos impétuosos e ardentes haviam pousado sobre a noiva com um misterioso e estranho interesse.

Esse homem era Saúl de Gioras, que, abandonando o sobrenome paterno, exibia agora uma nova denominação romana, segundo antiga autorização de Flaminio, de modo a valorizar, cada vez mais, a expressão social da sua fortuna.

Debalde, o senador fez o possível para identificar aquele judeu, que se lhe figurava um velho conhecido pessoal. Saúl, porém, reconheceu o seu verdugo de outrora; reconheceu e guardou silêncio, serenando a grande emoções do seu fôro íntimo, porque, qual o pai, tinha o coração mergulhado nos propositos tenebrosos de uma vindita cruél.

### III

#### PLANOS DA TREVA

Depois das solenidades do casamento de Plínio, contrariamente ao que se podia esperar, o liberto judeu não regressou á Massília, pretextando numerosos negócios que o retinham na capital do Império.

Instalado no palacete dos Severus, para onde haviam transferido os jovens nubentes, junto de Cípurnia, Saúl teve oportunidades numerosas de se avistar, muitas vezes, com o senador Publio Lentulus, mantendo ambos várias palestras acérca da Judéia e das suas regiões mais importantes.

Intrigado com aquele olhar ardente e aqueles traços fisionômicos, que lhe não eram totalmente estranhos e, lembrando-se perfeitamente daquele pai que o procurara ansioso e aflito, em Jerusalém, acompanhemos o senador em uma de suas palestras íntimas com o interessante desconhecido, na qual o abordou com esta pergunta inesperada:

— Senhor Saúl, — já que possuís êsse nome e sois filho das cercanias de Jerusalém, vosso pai, porventura, não se chamaria André de Gioras?

O liberto mordeu os lábios, diante daquele ataque direto ao assunto mais delicado da sua existência, respondendo dissimuladamente:

— Não, senador. Meu pai não tem êsse nome. Ao tempo em que fui escravizado por mãos impiedosas e cruéis, porquanto eu não era senão uma criança mal educada e irresponsável — acentuou com profunda ironia — meu pai era um agricultor miserável que não possuía outra cousa além dos seus braços para o trabalho de cada dia... Tive, contudo, a felicidade de encontrar as mãos generosas de Flaminio Severus, que me guiaram para a liberdade e para a fortuna e hoje o meu progenitor, com o pouco que lhe forneci aumentou as suas possibilidades de trabalho, desfrutando não somente certa importância social em Jerusalém, como também funções superiores no Templo.

Mas, por que mo perguntais?

O senador franziu o sobrôlho, em face de tanta desenvoltura na resposta, mas, sentindo-se aliviado, pelo lhe parecer que não se tratava, de fato, do Saúl de suas penosas lembranças; respondeu com mais desafogo de consciênciâa:

— E' que eu conheci, ligeiramente, um agricultor israelita, por nome André de Gioras, cujos traços fisionômicos não eram muito diversos dos vossos...

E a conversação seguiu o ritmo normal das conversações sem importância nos ambientes de convencionismo da vida social.

Saúl, entretanto, deixava transparecer um fulgor estranho no olhar, como quem se encontrava extremamente

satisfeito com o destino, á espera de um enséjo para executar seus tenebrosos planos de vingança.

Um móvel oculto e inconfessavel o retinha em Roma, quando numerosas operações comerciais requeriam sua presença em Massilia, onde seu nome se radicara a grandes interesses de ordem financeira e material. Esse móvel era o intenso desejo de se fazer notado pela jóven esposa de Plinio, cujo olhar parecia atraí-lo para um abismo de amor violento e irreprimivel.

Desde o instante em que a vira com os adornos do noivado, no dia venturoso do seu enlace, parecia haver lobrigado a criatura ideal dos seus sonhos mais íntimos e mais remotos.

Na realidade, os filhos de seus antigos senhores mereciam o seu respeito e o maior acatamento; todavia, uma força maior que todos os seus sentimentos de gratidão o levava a desejar a posse de Flavia Lentulia, a qualquer preço, ainda que fôsse o da propria vida.

Aqueles olhos formosos e cismadores, a graça carinhosa e espontânea, a inteligência lúcida e delicada, todos os seus predicados físicos e espirituais, que observava agudamente, nos poucos dias de permanencia na cidade, o autorizavam a crer que aquela mulher era bem o tipo das suas idealizações.

E foi engolfado nesse turbilhão de pensamentos sombrios que dois meses se passaram, de espectativas inconfessáveis e angustiosas, sem que perdesse a mais ligeira oportunidade para demonstrar á Flavia o grau do seu afêto, da sua admiração e estima, sob as vistas amigas e confiantes de Plinio.

Na soledade de suas preoccupações íntimas, considerava Saúl que, se ela o amasse, se correspondesse á afeição violenta do seu espírito impetuoso e egoista, jamais se lembraria de exercer a planejada vingança sobre o coração de seu pai, indo buscar o jóven Marcus Lentulus para o lar paterno e liquidando o pretérito de visões tenebrosas: contudo, se acontecesse o contrário, executaria os seus diabólicos projetos, deixando-se embriagar pelo vinho odiento da morte.

Nessa época, corria já o ano de 47 e sem nos esquecermos de Fulvia e sua filha, vamos encontrá-las, de novo, sob o domínio dos mesmos sentimentos cruéis e tenebrosos.

Em vão desposara Aurélia a Emiliano Lucius, que, para ela, não representava, de modo algum, o tipo do homem que o seu temperamento supunha haver encontrado no filho mais moço de Flaminio.

E foi assim que, depois dos primeiros desencantos e atritos no ambiente doméstico, a conselho da mãe e, na sua propria companhia, procurou recorrer ás ciências estranhas de Araxes, célebre feiticeiro egípcio, que tinha uma loja de mercadorias exóticas nas proximidades do Esquilino.

Araxes, cujo comercio bizarro todos conheciam como fonte inesgotavel de filtros milagrosos do amor, da enfermidade e da morte, era um iniciado do antigo Egito, desviado, porém, da missão sacrossanta da caridade e da paz, na sua violenta paixão pelo dinheiro da numerosa cleitela romana, então em pletora de vícios clamorosos e na dissolução dos mais belos costumes do sagrado instituto da família.

Explorando-lhe as paixões inferiores e os hábitos viciosos, o mago egípcio empregava quasi toda a sua ciência espiritual na execução de todos os malefícios e crimes, motivando enormes danos com as suas drogas venenosas e seus estranhos conselhos.

Procurado, discretamente, por Fulvia e a filha, inteirou-se dos fins da visita, e alí mesmo, entre grandes retortas e pacotes de plantas e substâncias diversas, mergulhou a cabeça nas mãos, como se o seu espírito estivesse devassando os menores segredos do mundo invisível, ante uma trípode e outros apetrechos de ciências ocultas, com que êle, psicólogo profundo, buscava impressionar o espírito impressionavel dos consulentes numerosos que o procuravam para solução dos problemas difíceis da vida.

Ao cabo de longos minutos de concentração e com os olhos a brilhar estranhamente, o mago egípcio diri-

giu-se á Aurélia, afirmando-lhe em palavras impressionantes:

— Senhora, vejo á minha frente dolorosos quadros da sua vida espiritual, no passado longínquo!... Vejo Delfos, com os dias gloriosos do seu oráculo e contemplo a sua personalidade, buscando seduzir um homem que lhe não pertencia!... Esse homem é o mesmo da atualidade... As mesmas almas perambulam agora em outros corpos e a senhora deve pensar na realidade dos dias que se passam, conformando-se com a nítida separação das linhas do destino!...

Aurélia ouvia, entre surpresa e assombrada, enquanto a alma arguta de sua mãe acompanhava a palestra, tocada de uma impressão indefinível.

— Que me dizeis? — replicou a jóven senhora, no auge da sua sensibilidade ferida. Outras vidas! Um homem que não me pertencia?... Que vem a ser tudo isso?

— Sim, nosso espírito, neste mundo — redarguiu o feiticeiro com imperturbável serenidade — tem uma longa série de existências, que enriquece o nosso íntimo com o máximo de conhecimento sobre os deveres que nos competem na vida!

A senhora já viveu em Atenas e em Delfos, numa grande etape de profundas irreflexões em matéria de amor e, sentindo-se hoje proxima do objeto de suas ardentes e pecaminosas paixões de outrora, julga-se com as mesmas possibilidades de satisfazer seus desejos violentos e rudes!...

Por aqui, hão passado inúmeras criaturas. A muitas aconselhei perseverança nos propósitos, por vezes injustificáveis e inferiores; mas, para o seu caso, há uma voz que fala mais alto á minha consciência. Se a sua irreflexão fôr ao ponto de provocar esse homem, em consciência honesto até agora, é possível que o seu coração também inquieto venha a corresponder aos seus caprichos, mas busque não se entregar ao desvario dessa provocação, porque o destino o reunir, agora, á alma gêmea da sua e um caminho áspero de provações amargas

os espera no futuro para a consolidação da sua confiança mútua, da sua afeição e da sua grandeza espiritual!... Não se interponha no caminho dessa mulher considerada pelo seu esnîrito como poderosa rival!... Interpor-se entre ela e o espôso seria agravar a senhora as suas próprias penas, porque a verdade é que o seu coração não se encontra preparado para as grandes renúncias santiificantes, e aquilo que supõe ser um profundo e sublimado amor, nada mais é que um capricho prejudicial do seu coração de mulher voluntariosa e pouco disposta a sacrificar-se pelo carinho de um companheiro amoroso e leal, mas, sim a multiplicar os amantes pelo número de suas vontades artificiais...

Aurélia estava lívida, ouvindo essas palavras, que considerava atrevidas e injuriosas.

Desejava defender-se, mas uma força poderosa parecia comprimir-lhe a garganta, anulando-lhe o esforço das cordas vocais.

Fulvia, porém, tomada de rancor pelas expressões insultuosas daquele homem, tomou a defesa da filha, arquindo-o com energia:

— Araxes, feiticeiro impudico, que queres dizer com estas palavras? Insulta-nos? Poderemos fazer caír sobre a tua cabeça o pêso da justiça do Império, conduzindo-te ao cárcere e revelando á sociedade os teus sinistros segredos!...

— E porventura não os tereis tambem, nobre senhora? — revidou êle imperturbavelmente; estarieis, assim, tão sem culpa, para não vacilar em condenar-me?

Fulvia mordeu os labios, tremendo de ódio e exclamando com fúria:

— Cala-te, infame! Não sabes que tens diante dos olhos a espôsa de um pretor?

— Não me parece — murmurou o feiticeiro com serena ironia — pois as nobres matronas dessa estirpe não viriam á esta casa solicitar minha cooperação para um crime... E, ao demais, que diriam em Roma de uma patrícia que descesse ao extremo de procurar, na intimidade, um velho feiticeiro do Esquilino?

E' verdade que muitos males tenho praticado na minha vida, mas sabem-no todos que assim procedo e não busco a sombra das boas situações sociais para acobertar a hediondez da minha miserável existência!... Ainda assim, quero salvar a mocidade de tua filha do lóbrego caminho de tuas perversidades, porque na hipótese de seguir-te ela os coleios de vibora, na senda da espôsa criminosa e infiel, seu único fim será a prostituição e o infortúnio, rematados com a morte ignominiosa na ponta de uma espada!...

Fulvia desejou revidar energicamente aos insultos de Araxes, repelindo aquelas expressões injuriosas, recebidas como um atrevimento supremo, mas Aurélia receosa de novas complicações e compreendendo a culpabilidade de sua mãe, tomou-lhe do braço, retirando-se ambas silenciosamente, sob o olhar zombeteiro do velho egípcio, que voltava a empilhar pacotes de plantas entre numerosos vasos de substâncias estranhas.

Pouco tempo, contudo, pôde êle empregar na sua faina isolada e silenciosa.

Dentro de duas horas, novo personagem lhe batia á porta.

Araxes surpreendeu-se á vista daquele judeu insinuante que o procurava. O brilho dos olhos, o nariz característico, a harmonia dos traços israelitas, faziam daquele homem ainda jóven uma figura singular e sugestiva.

Era Saúl, que recorria aos mesmos processos misteriosos, na ânsia de possuir, a qualquer preço, a espôsa de Plínio, buscando o talismã ou o elixir miraculoso do feiticeiro, a serviço de suas pretengões descabidas.

Recebido nas mesmas circunstâncias em que o foram as duas personagens do nosso penoso drama, Saúl expunha ao adivinho as suas torturas amorosas, junto daquela mulher honesta e digna.

Após a mesma concentração já do nosso conhecimento, junto da trípode em que fazia as orações costumeiras, Araxes esbogou um leve e discreto sorriso, como quem havia encontrado mais uma estranha coincidência nos seus amplos estudos da psicologia humana.

Sua hesitação, todavia, durou poucos instantes, porque, em breve fazia-se ouvir com voz pausada e soturna:

— Judeu — disse êle austeramente — louva o Deus de tuas crenças, porque tua face foi erguida do pó pelas mãos do homem que hoje te empenhas em traír... Mandam as leis severas da tua patria que não venhas a desejar, nem mesmo por pensamentos, a mulher do teu próximo e muito menos a companheira devotada e fiel de um dos teus maiores benfeiteiros. Dá um passo atrás no teu triste e malaventurado caminho! Houve tempo em que o teu espírito viveu no corpo de um sacerdote de Apólo, no templo glorioso de Delfos... Perseguieste uma jóven mulher dos misteres sagrados, conduzindo-a á miseria e á morte, com os teus desvarios nefandos e dolorosos. Não ouses, agora, arrancá-la dos braços destinados ao seu amparo e proteção, á face dêste mundo!... Não te intrometas no destino de duas criaturas que as fôrças do céu talharam uma para a outra!...

O mogo judeu, todavia, apesar de impressionado com aquela exortação incisiva, não seguiu a orientação violenta das duas mulheres que o precederam na misteriosa visita.

Arrancando uma bolsa de moedas, acariciou-a nas mãos, como a excitar a complacênciia do adivinho, exclamando com voz quasi súplice:

— Araxes, eu tenho ouro... muito ouro e darei o que quiseres, pelo valioso auxílio da tua ciência... Pelo amor de teus deuses, consegue-me a simpatia dessa mulher e te recompensarei generosamente a preciosidade dos esforços despendidos...

Os olhos do mago egípcio fiscaram ao clarão de um sentimento estranho, contemplando a bolsa em forma de cornucopia, reluzente de ouro, como se a desejasse intensamente, murmurando com mais delicadeza:

— Meu amigo, essa mulher não é cobiçada tão somente por ti e suponho que deverias contribuir para que ela não se afastasse da companhia do espôso!...

— Mas, existe, então, ainda outro homem?

— Sim, revelam-me os signos do destino que essa criatura é tambem desejada pelo irmão do marido.

Saúl fez um gesto de enfado, como quem se sentia amargamente atormentado pelos mais acerbos ciúmes, exclamando em voz baixa:

— Ah! sim... agora entendo melhor a viagem precipitada de Agripa, em busca de Avénio!...

E, elevando a voz como quem estivesse jogando a derradeira cartada da sua ambição, falou com ansiedade:

— Araxes, peço-te ainda uma vez!... Faze tudo!... pagar-te-ei régiamente!...

A fronte do mago curvou-se de novo, numa atitude de profunda meditação, como se o espírito buscasse, no invisível, alguma força tenebrosa, propícia aos seus sinistros desígnios.

Ao cabo de alguns minutos, tornou a dizer em tom benevolente e amigo:

— Parece que haverá uma oportunidade para a sua afeição, daqui a algum tempo!...

O moço judeu ouvia-o com angustiosa expectativa, enquanto as afirmações continuavam:

— Dizem os signos do destino que os dois cônjuges, para a consolidação de sua profunda afeição, de sua confiança recíproca e progresso espiritual, estão destinados á dolorosas provas daqui a alguns anos! Dar-se-á alguma cousa que os separará dentro do proprio lar, sem que eu possa precisar o que seja. Sei, tão somente, que cumpre a ambos um grande periodo de ascetismo e dolorosa abnegação, no instituto sagrado da família... Nessa ocasião, talvez, quem sabe? — poderá o meu amigo tentar essa afeição ardente cobiçada!...

— Dar-se-á, então, alguma cousa? — perguntou Saúl curioso e aflito, nas suas perquirições do assunto transcendente — mas que poderá acontecer que os separe no ambiente doméstico?

— Eu proprio não saberia dizê-lo...

— E cada qual será obrigado a um ascetismo fio e a uma dedicação inquebrantável?

— Manda o determinismo do destino que assim seja, mas não só o espôso, como a companheira, podem interferir nessas provas contraíndo um novo débito moral, ou resgatando o passado doloroso com o preciso valor moral nos sofrimentos, empregando, no determinismo das provações purificadoras, sua boa ou má vontade... Saiba que as tendencias humanas são mais fortes para o mal, tornando-se possível que as suas pretensões sejam satisfeitas nessa época.

— E quanto tempo deverei esperar para que isso aconteça? — perguntou o liberto fundamentalmente preocupado.

— Alguns anos.

— E será inútil tentar qualquer esforço, antes disso?

— Perfeitamente inútil. Sei que o nobre cliente tem numerosos interesses numa cidade distante e é justo que neste intervalo, cuide dos seus negócios materiais.

Saúl fixou detidamente aquele homem que parecia conhecer os mais recônditos segredos da sua vida, passando as suas observações pelo crivo da consciência.

Deu-lhe a bôlsa recheada, agradecendo a atenção e prometendo voltar em tempo oportuno.

Daí a alguns dias, o moço judeu, nas vésperas da despedida, aproveitando alguns minutos de pura e simples intimidade com a jóven Flavia, dirigia-lhe a palavra nestes termos:

— Nobre senhora — começou em voz quasi tímida, mas com o mesmo clarão estranho de sentimentos inferiores a lhe irradiar dos olhos — ignoro a razão do fato íntimo que vos vou revelar, mas a realidade é que vou partir para Massília, guardando a vossa imagem no mais recôndito escaninho do meu pensamento!...

— Senhor, — disse-lhe Flavia Lentulia, corando, acarbrunhada — devo viver tão só no pensamento daquele com quem os deuses iluminaram o meu destino!...

— Nobre Flavia — revidou o judeu arguto, percebendo que o golpe era prematuro e inoportuno — minha admiração não se prende a qualquer sentimento me nos digno. Para mim, sois duplamente respeitável, não somente pela vossa alta condição de patrícia, como tam-

bem pela circunstância de serdes a companheira de um dos maiores benfeiteiros de minha vida!

Ficai tranquila quanto ás minhas palavras, porque em meu coração só existe o mais leal interêsse pela vossa vossa felicidade pessoal, junto do digno espôso que es-  
colhestes.

Sinto por vós o que um escravo deve sentir por uma benfeitora de sua existência, já que, na minha triste condição de liberto, não posso apresentar-me á vossa generosidade com as credenciais de um irmão que muito vos venera e estima.

— Está bem, senhor Saúl — disse a jóven mais aliviada — meu marido vos considera como a um irmão muito caro e eu me honro de associar-me aos seus senti-  
mentos.

— Muito vos agradeço — exclamou Saúl fingi-  
damente — e já que me entendéis tão bem o pensamento  
fraterno, é com o interêsse de um irmão que me dirijo á vossa alma generosa para prevenir-vos de um perigo...

— Um perigo?... — perguntou Flavia aflita.

— Sim. Falo-vos confidencialmente, solicitando que  
guardais o máximo segredo desta confidência fraternal.

E, enquanto a jóven escutava-o com a maior aten-  
ção, Saúl continuou com as suas pérfidas insinuações.

— Sabeis que Plinio foi quasi noivo da filha do  
pretor Salvio Lentulus, vosso tio, hoje casada com Emi-  
liano Lucius?

— Sim... — replicou a pobre senhora, de alma  
oprimida.

— Pois devo avisar, como irmão, que vossa prima  
Aurélia, a despeito dos seus austeros compromissos ma-  
trimoniais, não renunciou ao homem de suas antigas pre-  
ferências; hoje fui cientificado, por um amigo, que ela  
tem recorrido a diversos feiticeiros de Roma, com o fim  
de rehaver o seu afêto de outrora, a qualquer preço!...

Ouvindo essas pérfidas palavras, Flavia Lentulia ex-  
perimentou o primeiro espinho da sua vida conjugal,  
sentindo-se intimamente torturada pelo mais acerbo  
ciúme.

Plinio resumia todo o seu idealismo e toda a sua felicidade de mulher jóven. Depositara no seu coração todos os sonhos femininos, todas as suas melhores e mais florentes esperanças. Assaltada pela primeira contrarie-  
dade da sua vida social, na grande cidade de seus pais, sentia, naquele instante, a sede devoradora de um escla-  
recimento amigo, de uma palavra carinhosa que viesse  
restabelecer o equilíbrio do coração agora turbado pelos primeiros dissabores. Faltava-lhe alguma cousa que pu-  
desse completar as nobres qualidades de seu coração de  
mulher, alguma cousa que devia ser a ausência forçada  
da atuação materna na sua educação, porque Publio  
Lentulus, na sua cegueira espiritual, lhe moldara o ca-  
ráter no orgulho da estirpe, nas tradições vaidosas  
dos antepassados, sem desenvolver as suas qualidades de  
ponderação, que a influênciaria Lívia criaria, certo, para  
notaveis florações do sentimento.

A jóven patrícia experimentou o coração despeda-  
çado por um ciúme quasi feroz; mas, compreendendo os  
deveres que lhe competiam, em tais conjunturas, recobrou  
a precisa energia moral para reagir naquele primeiro  
embate de provas, respondendo ao moço judeu e fazendo  
o possível por afetar o máximo de severa e tranquila  
nobreza:

— Agradeço, penhorada, o interêsse de vossa co-  
municação; todavia, nada me autoriza a suspeitar da  
conciênciâa retilínea de meu espôso, mesmo porque Plinio  
resume todos os meus ideais de espôsa e de mulher!

— Senhora — revidou o judeu, mordendo os lábios  
— o espírito feminino, na sua fertilidade de imaginação,  
alheio á vida prática, pode enganar-se muitas vezes, pelas  
aparências...

Folgo de ouvir-vos e louve a vossa ilimitada con-  
fiança; porém, quero fiqueis convencida de que, a qual-  
quer tempo, encontrareis em mim um sincero defensor  
da vossa felicidade e das vossas virtudes!...

Isso dizendo, Saúl de Gioras apresentou atenciosas  
despedidas, deixando a pobre moça com as suas im-  
pressões de surpresa e amargura.

Os primeiros infortunios haviam atingido a vida conjugal de Flavia Lentulia, sem que ela soubesse conjurar o perigo que ameaçava a sua ventura para sempre.

Nessa noite, Plínio Severus não encontrou em casa a criatura mimosa e adorável da sua dedicação e do seu amor profundo. Na intimidade da alcôva, encontrou a companheira cheia de recriminações descabidas e inportunas, tocada de tristezas amarguradas e incompreensíveis, verificando-se entre ambos os primeiros atritos que podem arruinar para sempre, no curso de uma vida, a felicidade de um casal, quando seus corações não se encontram suficientemente preparados para a compreensão espiritual, no instituto das provas remissoras, embora a estrada divina de suas almas gêmeas seja um caminho glorioso para os mais elevados destinos.

Em breves dias, Saúl regressava á Massília, esperançoso de concretizar algumas realizações de ordem material, de modo a regressar á Roma no menor espaço de tempo.

E a vida dos nossos personagens continuava, na Capital do Império, quasi com a mesma fisionomia de sempre.

O senador Lentulus prosseguia engolfado nas suas cogitações de ordem política, procurando, sempre que possível, a residência da filha, onde mantinha as mais longas palestras com Calpurnia, acerca do passado e das necessidades do presente.

Quanto á Lívia, afastada compulsoriamente da filha, pela força das circunstâncias, longe de sua melhor amiga de outros tempos, pela incompreensão, e prosseguindo distante do esposo no ambiente dos seus afetos mais íntimos, refugiara-se na dedicada amizade de Ana, nas preces mais fervorosas e mais sinceras.

Diariamente, ambas procuravam orar, na dolorosa soledade de seus aposentos particulares, ao pé daquela mesma cruz grosseira que lhes dera Simeão no instante extremo.

Muitas vezes, ambas em êxtase, notavam que o pequenino madeiro se tocava de uma luz tenuíssima e resplandecente, ao mesmo tempo que lhes parecia ou-

vir longe, no santuário do coração e dos pensamentos, exortações singulares e maravilhosas.

Figurava-se-lhes que a voz branda e amiga do apóstolo da Samária voltava do Reino de Jesus para ensinar-lhes a fé, o cumprimento do dever de caridade fraterna, a resignação e a piedade. Ambas choravam, então, como se nas suas almas sensíveis e carinhosas vibrassem as harmonias de um divino prelúdio da vida celeste.

Nessa época, instruída por alguns cristãos mais humildes, Ana científicou a senhora das reuniões nas catacumbas.

Somente ali podiam reunir-se os adéptos do cristianismo nascente, porquanto, desde os seus primeiros eventos na sociedade romana, foram as suas idéias consideradas subversivas e perversoras.

O Império fundado com Augusto, que significou a maior expressão de um Estado forte em todas as épocas do mundo, depois das conquistas democráticas da República, não tolerava nenhum agrupamento partidário, em matéria de doutrinas sociais e políticas.

Verificava-se em Roma o mesmo que hoje com as nações modernas, a oscilarem entre as mais variadas fórmulas governamentais, ao longo do eixo dos extremismos e dentro da ignorância do homem, que teima em não compreender que a reforma das instituições tem de começar no íntimo das criaturas.

As únicas associações toleradas eram, então, as cooperativas funerárias, em vista de seus programas de piedade e proteção aos que já não podiam perturbar os poderes temporais de César.

Perseguidos pelas leis, que lhes não toleravam as idéias renovadoras; encarados com aversão pelas forças poderosas das tradições antigas, os adéptos de Jesus não ignoravam a sua futura posição de angústia e sofrimento. Alguns éditos mais rigorosos os compeliam a ocultar a manifestação de crença, embora o governo de Claudio procurasse, sempre, o máximo de ordem e equilíbrio, sem grandes excessos na execução dos seus designios.

Alguns companheiros mais esclarecidos na fé advogavam publicamente as suas teses, em epístolas ao sabor da época; mas, muito antes dos crimes tenebrosos de Domício Nero, a atmosfera dos cristãos primitivos já era de aflição, angústia e trabalhos penosos. Dêsse modo, as reuniões das catacumbas efetuavam-se periodicamente, nada obstante o seu caráter absolutamente secreto.

Grande número de apóstolos da Ásia Menor passavam em Roma, trazendo aos irmãos da grande cidade as prédicas mais edificantes e consoladoras.

Alí, no silêncio dos grandes massiços de pedra, em cavernas desprezadas pelo tempo, ouviam-se vozes profundas e edificantes, que comentavam o Evangelho do Senhor ou encareciam as sublimidades do seu Reino, acima de todos os precários poderes da perversidade humana. Tochas brilhantes iluminavam êsses desvãos subterrâneos, que as heras protegiam, dando ás suas portas empedradas uma impressão de angústia, desolação e supremo abandono.

Sempre que um peregrino mais dedicado aportava á cidade, havia um aviso comum a todos os conversos.

O sinal da cruz, feito de qualquer fórmula, era a senha silenciosa entre os irmãos de crença, e feito dêsse ou daquele modo especial, significava um aviso, cujo sentido era imediatamente compreendido.

Através dessas comunicações incessantes, Ana conhecia todo o movimento das catacumbas, colocando sua senhora a par de todos os fatos que se desenrolavam em Roma, acerca-da redentora doutrina do Crucificado.

Assim que, quando se anuciava a chegada de algum apóstolo da Galiléia ou das regiões que lhe são fronteiriças, Lívia fazia questão de comparecer, fazendo-se acompanhar pela serva desvelada e fiel, atravessando os caminhos á pé, embora trajasse agora a sua indumentária patrícia, de conformidade com a autorização do marido, para professar livremente as suas crenças. Ela estava ciente de que, perante a sociedade, sua atitude representava um grave perigo, mas o sacrifício de Simeão fôra um marco de luz assinalando os seus destinos na Terra. Adquirira coragem, serenidade, resignação e co-

nhecimento de si mesma, para nunca tergiversar em detrimento da sua fé ardente e pura. Se as suas antigas relações de amizade, em Roma, atribuiam as suas modificações interiores á demência; se o marido não a compreendia e Calpurnia e o filho cavavam, ainda mais, o grande abismo que Publio havia aberto entre ela e a filha, possuia o seu espírito, na crença, um caminho díno para fugir de todas as terrenas amarguras, sentindo que o Divino Mestre de Nazaré lhe dulcificava as úlceras da alma, compadecendo-se do seu coração retalhado de amarguras. Era-lhe a fé como um archote luminoso clareando a estrada dolorosa e do qual se irradiavam os divinos clarões da confiança humana na Providência Divina, que transforma as provações penosas da Terra em luzes sacrossantas e antecipadas das eternas alegrias do Infinito.

## IV

## TRAGÉDIAS E ESPERANÇAS

A vida real é sempre prosáica, sem fantasias nem sonhos.

Assim decorre a existência dos personagens dêste livro, na tela viva das realidades nuas e dolorosas do ambiente terrestre.

Os que atingem determinadas posições sociais, bem como os que se aproximam do crepúsculo da vida fragmentária da Terra poucas novidades têm a contar, com respeito ao curso de cada dia.

Ha um período na existência do homem, em que lhe parece não haver mais a precisa pressão psíquica no coração, afim-de que se lhe renovem os sonhos e as aspirações primeiras, figurando-se a sua situação espiritual cristalizada ou estacionária. No íntimo, não ha mais espaço para novas ilusões ou reflorescimento de novas esperanças e a alma, como que num doloroso pe-